

A força e a história do movimento de mulheres, guardiãs de sementes no semiárido baiano



O Movimento de Mulheres Unidas na Caminhadas (MMUC), composto majoritariamente por agricultoras, reúne cerca de 100 participantes distribuídas em grupos de base em comunidades rurais de três cidades: Santa Maria da Vitória, São Félix do Coribe e Coribe, no Oeste da Bahia. O MMUC é referência em resistência e protagonismo feminino dentro do território. Nascido da necessidade urgente de "autonomia financeira" e do desejo das mulheres de terem o "domínio da própria renda", o movimento consolidou-se como uma força política e produtiva que, desde a década de 1970, transforma a realidade de mulheres agricultoras da região.

A trajetória do MMUC é marcada pela defesa do território e da vida. Surgido em um contexto de resistência à grilagem de terras, após o assassinato do advogado Eugênio Lyra, que morreu em defesa dos trabalhadores rurais, posseiros e comunidades camponesas do território da Bacia do Rio Corrente, o movimento compreendeu que a permanência digna no campo exigia organização. Como relatam participantes, a luta contra o machismo e a busca pelo empoderamento caminham juntas com o cuidado com a terra e com a saúde: **"Fomos nos organizar e buscar autonomia financeira, para a gente poder ter o domínio da própria renda"**, relata Raimunda Ferreira presidenta do MMUC. A consolidação do grupo também deve muito à atuação de missionários italianos, como Emília Coelan e um casal de médicos voluntários. Em uma época em que não havia hospital municipal, a casa paroquial tornou-se o ponto de acolhimento para a realização de serviços de saúde e "escuta das demandas das mulheres rurais". Foi nesse contexto de carência de serviços públicos que a consciência de gênero floresceu.

O MMUC desenvolve um trabalho de valorização e preservação de semente crioulas na região, sendo conhecidas como **“guardiãs de sementes”**. Todo ano elas realizam uma feira de trocas, promovem a circulação de sementes crioulas e mudas nativas do Cerrado e Caatinga, valorizando a luta da soberania alimentar e a preservação de saberes tradicionais.



“Nós colocamos o nosso grupo como guardiãs de sementes, porque são justamente as mulheres que carregam esse papel de guardar e cuidar dessas sementes e vem sendo assim de geração em geração”. Amélia Santos, coordenadora de projetos.



O grupo de mulheres também implementa projetos de geração de renda adaptados à realidade local, como a produção de mel, construção de hortas, práticas agroecológicas e quintais produtivos nas comunidades rurais. Além disso, realizam um trabalho com ervas medicinais voltadas para o cuidado pessoal e saúde da mulher.

O MMUC organiza-se através de uma coordenação jurídica composta por 12 representantes, realizam reuniões mensais em 9 grupos de base nas comunidades rurais para discutir temas que vão desde o empoderamento feminino até a saúde mental da mulher, relações de gênero e o combate ao feminicídio. “Realizamos oficinas nas comunidades e levamos informações de diferentes temas” - conta Amélia.

Além da feira de troca de sementes o movimento de mulheres também promove um encontro anual com todas as participantes celebrando a união e força do grupo. “É um momento muito forte, muito bom, a gente ver a força que a mulher tem, a união, a confiança que uma tem na outra nesses momentos de partilha” - relata Raimunda.

O MMUC conta também com um espaço sede na cidade de Santa Maria da Vitória, que funciona como ponto de apoio para reuniões, encontros e como um local de acolhimento para as mulheres.

Em meio a obstáculos como o machismo estrutural, o grupo resiste fazendo do território em que reside um espaço com melhores opções de convivência para as comunidades rurais e transformando-o em um espaço digno de oportunidades para a mulher do campo.



Representantes da coordenação, na sede do MMUC

